

MÚSICA

Genealogias da canção brasileira



José Wisnik (direita), Adriana Calcanhotto e João Camarero unem forças no espetáculo *complexo b*, que faz estreia nacional em Porto Alegre, no Teatro Simões Lopes Neto

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

A estreia nacional do espetáculo *complexo b* em Porto Alegre - com sessões neste sábado, às 20h, e no domingo, às 18h, no Teatro Simões Lopes Neto do Multipalco Eva Sopher (Rua Riachuelo, 1.089) - ocorre durante o epílogo do 32º Porto Alegre em Cena, propondo uma conversa expandida, na qual se desdobram sonoridades e elementos da literatura e das culturas brasileira e lusitana. Concebido originalmente para a Exposição Complexo Brasil, ocorrida em novembro de 2025 na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa (Portugal), o projeto reúne a cantora e compositora Adriana Calcanhotto, o compositor, pianista, cantor e ensaísta José Miguel Wisnik e o violonista João Camarero em uma investigação sobre os nexos que unem a música e a poesia dos dois lados do Atlântico. Os ingressos custam entre R\$ 15,00 e R\$ 100,00 e estão à venda pelo site do Theatro São Pedro.

A estrutura da montagem (descrita como “aula-show”) fun-

damenta-se na ideia de que a canção brasileira opera como um veículo de alta voltagem poética. Nesse sentido, Adriana comenta que o espetáculo é um espaço de compartilhamento de conhecimentos que o trio acumulou ao longo de décadas de trajetória. “Após a apresentação, o público sai sabendo a origem dos poemas, do porquê deles terem sido musicados, e da influência de um músico no outro”, afirma a artista. Essa simbiose é ilustrada logo na abertura, quando o piano de Wisnik demonstra como a harmonia de *Prelúdio opus n. 4* de Chopin se desdobra em *Insensatez*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. “O Zé Miguel toca de um jeito que a gente enxerga como foi que aconteceu, é muito lindo”, destaca a cantora.

O roteiro de 24 músicas (algumas como *medley*) de *complexo b* é um arco que atravessa séculos. Inclui desde o barroco de Gregório de Matos, fundido à poesia popular de Zé Bernardino na composição *Mortal loucura*, até o modernismo inquieto de Mário de Sá-Carneiro. O diálogo com a literatura portu-
gue-

sa é aprofundado com três abordagens distintas sobre Ricardo Reis (heterônimo de Fernando Pessoa), musicado por Adriana Calcanhotto, Sueli Costa e Fred Martins. Segundo Adriana, o objetivo é apresentar poetas sob um prisma de inquietação, afastando-se de versões puramente consagradas. “O Mário de Sá-Carneiro que aparece no espetáculo não é aquele de termos cronológicos, e sim aquele que todo mundo torceu o nariz porque era ‘modernoso’. A gente trata ele e os demais poetas por este verniz mais revolucionário mesmo.”

A identidade visual e sonora de *complexo b* reforça a conexão com o território de origem dos artistas que sobem ao palco. Em cena, Adriana utiliza figurinos tingidos com pau-brasil e um casaco de conchas confeccionado por marisqueiras do Nordeste. A presença de parangolés, inspirados na obra de Hélio Oiticica, complementa a narrativa de um Brasil que se reconstrói entre a ruína e a reinvenção. Essa densidade também se manifesta na relação da cantora com Clarice Lispector. O repertório inclui

uma composição de Adriana sobre poema de Adília Lopes que referencia *A mulher que matou os peixes* (clássico da literatura infantil brasileira, de autoria de Clarice). “Este livro foi um marco na minha infância; me senti tratada como leitora e não como criança”, recorda. Por outro lado, ela comenta que o poema de Adília, ao cobrar a atenção devida à vida diante da distração do texto, sintetiza a ética que Adriana Calcanhotto busca no palco: uma presença absoluta e atenta à palavra.

Embora o espetáculo tenha sido gestado para ocorrer em Portugal, a cantora descarta a ideia de que a distância resulte em um “olhar estrangeiro”. Para a artista, que ministra cursos na Universidade de Coimbra, o território lusitano é o local onde ela “pensa o Brasil”. Adriana reforça que a MPB é o terceiro momento histórico - após o nascimento da canção na Grécia Antiga e a união de melodia e versos característica do Trovadorismo - em que a música se torna o principal veículo de transmissão da poesia para as massas.

Em cena, a interação com o piano de Wisnik e o violão de João Camarero é descrita pela artista - que em determinado momento toca o *cello* - como “orgânica”. O repertório ainda inclui obras de Milton Nascimento e Caetano Veloso, Baden Powell, Arnaldo Antunes, além de canções autorais de Adriana Calcanhotto e de José Miguel Wisnik e diálogos com os poetas portugueses Luís Vaz de Camões, Fátima Hasse Pais Brandão. “Juntamos as coisas que na nossa cabeça já estão juntas”, resume Adriana. Ela avalia que o encontro do trio celebra a tradição da invenção, unindo o erudito e o popular sem os assombros geracionais de antigamente.

No encerramento, a escolha de *Chega de saudade* (Tom Jobim e Vinícius de Moraes) funciona como uma síntese de tudo o que constitui a cultura ocidental e a esperança de futuro contida na bossa nova. “Tanto a gente como o público sai maravilhado com essas somas. O espetáculo vai empilhando belezas, sai todo mundo muito impactado”, afirma.